

FINALISTA DO EDGAR AWARD 2021

PINTADO

«Uma escritora talentosa... Uma história inebriante.»

FINANCIAL TIMES

A

«Uma escrita arrojada com toques de sobrenatural.»

KIRKUS REVIEWS

SANGUE



650 000
LIVROS VENDIDOS

Publicado em
20 países

TOP
SEL
LER

ILARIA TUTI

A Rainha do Policial Italiano

*Para a Jasmine e para a Sarah.
Para as nossas antepassadas, para as mulheres de hoje e de amanhã.
Para os homens que as honram.*

Tempus volat, valet, velat

Sou tudo o que foi,
e é,
e será,
e nenhum mortal levantou até agora o meu manto.

Ísis e Osíris, Plutarco

O FIM

Teresa pensa muitas vezes na morte. Mas nunca imaginara a sua assim, nem a cruel ironia de ser incapaz de recordar aquilo que especificamente poderia salvá-la.

Um fogo prestes a irromper, vítimas a aguardar o resgate; contudo, aqui está ela, imóvel.

A sua mente abandonou-a. A sua confusão é um acrescento grotesco ao derradeiro ato desta tragédia. Aqueles olhos observam-na, a transbordar de terror e desespero, enquanto ela faz a única coisa de que se sente capaz de momento: nada. Teresa tem a certeza de que morrerá com esta expressão vazia estampada no rosto. Morrerá indefesa e inepta, com os braços dependurados ao longo do corpo, sem a sua armadura de toda uma vida de guerreira.

Uma guerreira? No máximo, uma agente da polícia. Uma mulher de 60 anos, e doente, a tentar armar-se em heroína quando já nem se recorda do nome das coisas.

Poderia tentar adivinhar. Parece que ultimamente é tudo o que tem conseguido fazer para sobreviver: adivinhar que estrada seguir, para onde olhar, que palavras dizer e que sombras temer.

Até o conhecimento do seu próprio nome foi corroído pela dúvida, tal como o do assassino — o assassino que se encontra agora com ela, ou talvez numa divisão diferente, mas sem dúvida a partilhar aquela casa, aquele inferno prestes a explodir na escuridão do vale. Tudo porque Teresa se atreveu a confrontar o segredo que estava escondido dentro das suas paredes, protegido pelas montanhas.

Teresa *sabe*, mas a sua mente ainda não consegue recordar.

Quem de entre as vítimas prestes a serem sacrificadas ao fogo é inocente e quem mostrou a força selvagem necessária para arrancar um coração vivo do peito de um homem?

Quem devo salvar?

E, depois, existe ele, que olha para Teresa como o filho que ela nunca teve. O nome dele ainda não passa do resquício de um sussurro nos lábios dela, mas a ligação de ambos é visceral. Teresa sente-o nas suas entranhas, no ardor de uma cicatriz, no líquido vermelho que lhe rasga as veias.

As paredes parecem encarcerá-la, estalando como os sussurros que a atormentam há dias. O som de todos os seus piores receios.

O nome do assassino é... O nome do assassino é...

Teresa está cara a cara com a morte; no entanto, tudo o que lhe ocorre é um enigma — ouvido sabe lá onde e quando.

Ouve um grito, um som inumano que rompe o torpor petrificado que a aprisionou e a traz de volta para o mundo.

Então, de repente, o grito — o grito dele — para.

— Encontrámo-lo — ouve-o ela dizer, sussurrando como se pretendesse guardar as palavras para apenas eles os dois. Ele tem as pupilas dilatadas. — Encontrámos o Mal. Está aqui. À nossa espera.

As palavras pingam e gotejam dele como as contas de um rosário diabólico. Ele ergue o braço por entre as cordas que o atam e aponta o dedo indicador para um canto da divisão onde a escuridão parece pulsar ao ritmo do medo deles.

— Encontrámo-lo. *Não é humano.*

Ele volta a gritar, tão alto que algo se estilhaça dentro de Teresa.

Ela recorda agora o seu nome.

Chegou a hora de descobrir até onde Teresa está disposta a ir.

Chegou a hora de descobrir se Teresa está disposta a trocar a vida de Massimo Marini pela de um inocente, se está disposta a matar o homem que olha para ela como o filho que nunca teve, e que agora treme como se tivesse visto o próprio Diabo naquele canto, a dançar nas trevas.

O INÍCIO

O giz de hematite desliza sobre o papel, formando arabescos com curvas familiares, desenhando vales que desabrocham em lábios abertos. Traça arcos suaves e macios, linhas esborratadas. Um perfil delicado. Cabelo preto comprido. O papel, tal como a pele dela, é de um branco luminoso.

A vermelhidão transborda e infiltra-se nas fibras da folha até a cor e o papel se fundirem. Dedos pressionam e espalham o tom, embebem e dão cor ao papel, desesperados por captar a imagem antes que sua beleza desapareça.

Os dedos tremem, afagam e acariciam. Os olhos choram e as suas lágrimas misturam-se com a vermelhidão, diluem-na, revelam inesperados tons carmesins.

O coração do mundo suspende a sua batida. As frondes e o canto das aves silenciam-se. As pétalas claras de anémonas silvestres deixam de tamborilar ao sabor da brisa e as estrelas parecem demasiado envergonhadas para se mostrarem no crepúsculo. Toda a montanha se debruça para observar o milagre que se desenrola no céu, numa curva do rio com leito de cascalho onde a água se detém sossegadamente.

A *Ninfa Adormecida* ganha forma sob as mãos do pintor.

É trazida ao mundo, tão rubra como a paixão e o amor.

1

O sol incidia de lado no rosto de Massimo Marini, estendendo um brilho de cor à medida que era filtrado pelas suas pestanas castanhas. Ele caminhava em passos nervosos por uma rua ladeada por jardins escondidos, ocultados da vista por sólidos muros. Pétalas dos ramos mais altos das árvores atrás dos muros haviam caído na rua. Era como calcorrear algo ainda com vida, um tapete de criaturas moribundas.

Era uma tarde primaveril sonolenta e plácida, mas a massa negra encrespada no limite da sua linha de visão anunciava uma reviravolta. O ar crepitava de eletricidade, uma força contagiosa que deixava o inspetor inquieto.

A entrada da galeria de arte La Cella estava assinalada com uma placa de cobre sobre o estuque áspero de um edifício do século XVII. Refletidos no metal, os olhos de Massimo pareciam tão transtornados quanto o seu estado de espírito. Desenrolou as mangas da camisa e vestiu o casaco antes de tocar à campainha. O fecho destrancou-se. Empurrou a aldraba tachonada e entrou.

O calor do dia não passava da soleira. Assim que pôs um pé para lá da porta, um peso húmido pareceu abater-se sobre ele. O piso era em xadrez preto e branco e uma escadaria de mármore venoso curvava para cima na direção do primeiro andar. A luz infiltrava-se através de uma das janelas altas e sobre um candelabro de vidro de Murano, projetando lampejos esmeralda na semiobscuridade do piso térreo. No ar pairava um cheiro a lírios. Fez-lhe lembrar incenso, o interior de uma igreja escura, litánias sem fim e o olhar rígido do rosto do pai

sempre que Massimo — na altura ainda uma criança — se atrevia a exhibir qualquer sinal de tédio.

Sentiu a cabeça a começar a latejar.

O seu telemóvel vibrou com uma chamada, e, no silêncio daquele local solene, o som pareceu pertencer a um outro universo.

Retirou o aparelho do bolso do peito. Contorceu-se na sua mão como um coração frio e artificial, mas Massimo sabia que, do outro lado da chamada, havia um coração real onde o amor lutava enfurecido e desiludido contra a dor. Há semanas que o telefone dele recebia chamadas daquele número, com frequência várias vezes ao dia, incansável.

Ignorou a chamada, sentindo a boca pastosa com uma mistura doentia de remorsos e culpa. Esperou que parasse de tocar e a seguir desligou o telemóvel. Contornando a escadaria de mármore, desceu um lanço de degraus em ferro forjado que espiralava como uma hera até à cave.

Vozes abafadas pairavam na escuridão. Um corredor parcamente iluminado por candeias dispersas no chão, uma porta em vidro martelado e, do outro lado, a galeria.

La Cella, finalmente. O teto abobadado em tijolo rústico imperava sobre a suavidade do piso em laje. Ao longo das paredes, a maior parte do estuque fora raspado para revelar o trabalho original de cantaria por baixo. Cada porção de luz incidia precisamente em cada uma das peças em exposição, realçando-as nas sombras como joias. Esculturas de bronze, jarros de vidro e pinturas abstratas espantosamente coloridas eram as personagens naquele singelo palco subterrâneo.

O inspetor seguiu o murmúrio de vozes até encontrar um grupo de pessoas na divisão mais espaçosa da galeria. Um par de polícias fardados estava de guarda nas pontas. Para lá deles, Marini reconheceu Parisi e De Carli, ambos à civil. Parisi, com a sua pele morena e musculado, falava baixinho ao telefone, enquanto De Carli — magro e desengonçado como um adolescente — observava e por vezes intervinha. Tinham-se tornado a equipa de Marini desde que pedira transferência da cidade para aquela pequena esquadra local. Achara — ou, pelo menos, esperara — que a mudança na sua trajetória pudesse

ser uma forma de encontrar consolo e talvez começar de novo. Acabara por encontrar muito mais do que antecipara, mas o consolo manteve-se uma quimera flamejante que o queimava sempre que tentava alcançá-la.

Avançou até junto da sua equipa.

— O que se passa? — perguntou ele a De Carli.

De Carli puxou as calças de ganga, que lhe tinham deslizado pelas coxas.

— Só Deus saberá. Ainda não nos contaram nada. É tudo um grande mistério.

— Então, porque é que me disseram que era urgente?

Parisi tapou o telefone com a mão e apontou com o queixo para o lado oposto da sala.

— Porque ela precisa de nós. E de ti.

O olhar de Marini procurou a pessoa que nos últimos meses tornara um inferno todos os minutos dos seus dias, mas que, ao fazê-lo, o trouxera de volta à vida.

De início, avistou-lhe apenas os pés, por entre as pernas de dois agentes. Ela usava ténis de sola alta e estava constantemente a alternar o apoio num dos pés; de vez em quando, apoiava-se na ponta dos pés para descansar as pernas.

Está cansada, pensou ele. E, apesar de não fazer ideia do que levava a equipa a ser despachada para a Cella, sabia que naquele dia ela seria a última a ir-se embora.

Então, os dois agentes afastaram-se e, por fim, viu o resto dela — posicionada entre uma escultura de bronze de um coração parcialmente liquefeito e uma instalação de asas de acrílico penduradas no teto. Alma e coração, tal como ela.

E determinação, uma vitalidade que por vezes ameaçava esmagar aqueles que lhe estavam mais próximos; no entanto, conseguia sempre, no último momento, agarrá-los e incentivá-los para lá do que achavam possível.

Tanto assim era que ela tinha também o seu quê de cabra.

O seu aspeto parecia algo desalinhado, o que tinha menos que ver com a sua idade — 60 anos — do que com um tormento interno que Massimo ainda não conseguira identificar e que parecia encontrar

apenas algum alívio no bloco de notas de que ela nunca se separava, preenchendo-o com notas frenéticas mal tinha oportunidade.

Avançou até junto dela e reparou no piscar de olhos com que ela registou a chegada dele. Ela nem sequer deu a volta. Segurava nos lábios uma das hastes dos seus óculos e mastigava nervosamente um rebuçado.

— Espero que seja sem açúcar — disse ele.

Por fim, ela olhou para ele, embora apenas por um segundo.

— E isso é da tua conta porque...?

A voz dela era áspera e seca, mas com uma ponta de diversão.

— A inspetora-chefe é diabética. E supostamente também uma senhora... — murmurou ele, ignorando o curso da conversa.

Era um jogo habitual entre eles, um que ele nunca ganhava. Ela parou de mordiscar os óculos.

— Hoje não era o teu dia de folga, inspetor? — perguntou, incidindo nele aqueles seus olhos terríveis, peritos em ver para lá da superfície.

Massimo brindou-a com um meio sorriso.

— E a inspetora-chefe não acabou agora o seu turno?

— Todo este empenho não vai compensar os teus recentes lapsos, Marini.

Massimo optou por evitar o campo minado que seria uma possível resposta. Ela, entretanto, já parecera ter perdido interesse nele. Observou-a com atenção, aquela mulher cuja cabeça nem ao peito dele chegava, mas que era capaz de lhe esmagar o ego num abrir e fechar de olhos. Tinha quase o dobro da idade dele, mas com frequência deixava-o para trás, exausto, bem antes de esgotar as suas próprias forças. Os seus modos eram por norma brutos, e o cabelo, com um corte *bob* a enquadrar-lhe o rosto, fora pintado de um tom de vermelho de tal forma artificial que se tornava quase embaraçoso. Ou, pelo menos, assim seria em qualquer outra pessoa que não ela.

Teresa Battaglia sabia ladrar, e havia quem jurasse que também a vira morder — literalmente.

— E então, o que nos traz aqui? Que mistérios são estes? — perguntou ele, tentando puxá-la de novo para a caçada: aquele território que ela sabia navegar melhor e mais rápido do que qualquer um.

Teresa Battaglia olhava diretamente em frente, como se fitasse alguém, com os olhos semicerrados, pensamentos sombrios alojados na sua testa franzida.

- Singular, inspetor, e não plural. Há apenas um mistério.
- A inspetora-chefe Battaglia limpou as lentes dos seus óculos, como fazia sempre que refletia. Estava a organizar os pensamentos.
- O que nos traria aqui que não fosse resolver o mistério da morte?

2

— Caso arquivado.

Foi assim que o procurador-geral-adjunto Gardini o descrevera nem uma hora antes quando a chamara à Cella.

Duas palavras, seguidas por algo que a inspetora-chefe Teresa Battaglia o ouvira dizer inúmeras vezes no passado:

— Quero que tu e a tua equipa tratem disto.

Caso arquivado. Teresa sentira-se aliviada ao ouvir aquilo; significava que não andava nenhum assassino à solta para perseguir, nenhuma potenciais futuras vítimas para salvar, nenhuma ameaça imediata. Apenas o eco de algo que sucedera há muito tempo e que de algum modo regressara hoje à superfície.

Conseguiria lidar com isso. Não iria perder o controlo deste caso e, mesmo que tal sucedesse, não viria mal ao mundo — apenas talvez para o seu ego.

És tola se achas que não reparam no que se passa contigo. O que se passava com ela tinha um nome tão forte que poderia esmagá-la, mas Teresa não se asilara da palavra escrita no seu registo médico, não se desviara para permitir que se apoderasse do seu mundo. Ao invés, trancara-a bem fundo, onde se instalam todos os nossos medos mais terríveis: nas profundezas da alma — e no diário que ela trazia sempre consigo. A sua memória em papel.

Massimo Marini era outro problema numa situação já de si complicada. Ele olhava sempre para ela como se desconfiasse de alguma coisa, como se tivesse acesso aos pensamentos dela. Sentia dificuldade em mantê-lo a alguma distância; na realidade, a proximidade

dele começara a assumir uma certa normalidade, quase bem-vinda, e começou a temer que essa necessidade de se procurarem um ao outro pudesse tornar-se um hábito perigoso para ambos.

O procurador Gardini surgiu vindo de uma divisão que fora isolada com fita da polícia. Como sempre, mostrava um ar ansioso. Um homem magro com um cabelo permanentemente desgrenhado e uma gravata desalinhada — como se tivesse acabado de ser açoitado por uma rajada de vento —, Gardini era um magistrado consagrado que trabalhava imenso, sendo a sua aparência sintomática do ritmo avassalador da sua vida.

Encontrava-se acompanhado por um homem visivelmente bronzeado de aspeto bastante excêntrico. O seu cabelo castanho fora clareado pelo sol em ambos os lados da cabeça, levando Teresa a deduzir que também o seu bronzeado deveria ser natural, daquele tipo com que as pessoas que praticam desporto ao ar livre costumam ficar. Havia nele uma certa elegância, um requinte refletido nas roupas que vestia, de corte clássico em cores vibrantes: exuberante, mas de excelente bom gosto.

Teresa folheou as anotações mais recentes no seu diário, mas não encontrou qualquer descrição do homem. A sua memória não estava a deixá-la mal: nunca se tinham conhecido. Mas fazia uma vaga ideia de quem poderia ser.

Gardini avançou na direção dela, estendendo a mão para a cumprimentar. Há muitos anos que eram amigos, mas trabalho era trabalho, e tinham de agir em consonância com as respetivas funções.

— Obrigado por ter vindo, inspetora-chefe. Lamento o incómodo no final do seu turno — disse ele, dirigindo-se a ela de uma forma invulgarmente formal. — Apresento-lhe Gianmaria Gortan, o dono da galeria. Sr. Gortan, a inspetora-chefe Battaglia. Pretendo pô-la à frente da investigação.

Teresa sorriu ao de leve.

— Este é o inspetor Marini, o meu braço-direito — anunciou ela.

Todos se cumprimentaram com apertos de mão. Teresa reparou que a palma do negociante de arte estava suada. Um indício de desconforto que chocava com a imagem polida que transparecia.

— Foi o Sr. Gortan que nos chamou — disse Gardini. — Temos aqui um caso bastante invulgar.

O procurador não lhe facultara qualquer tipo de pista, mas Teresa passara os últimos minutos a observar a equipa forense na galeria de arte a entrar e a sair da divisão a que ela ainda não acedera. Uma câmara presa a um fotossensor clicava incessantemente, com o seu potente *flash* a penetrar na iluminação ténue. Se era um caso arquivado, então passava-se algo de errado. A quantidade de recursos e pessoal destacados não encaixava com o que esperaria encontrar: ninguém se interessava por mortes ocorridas há muito tempo. Depois de o sangue secar, a Justiça nunca tem pressa de atacar com a sua espada: os pratos da balança permanecem suspensos e a venda mantém-se solta o suficiente para olhar em volta e descobrir tragédias mais recentes às quais lançar os seus cães.

— Alguém morreu ali? — quis saber Marini.

— Recentemente, não. — Gardini suspirou. — Acompanhem-me; eu mostro-vos.

A sala selada era um laboratório equipado com instrumentos, a maioria dos quais Teresa nunca vira. Um microscópio digital refletia um brilho metálico sob os *flashes* das câmaras, e ela reconheceu alguns colegas do gabinete do procurador-geral — os homens de Gardini —, que estavam muito ocupados a recolher provas.

— Usamos este equipamento para levar a cabo testes de autenticidade — explicou o negociador de arte. — Para efeitos de datação e avaliação. Temos um especialista que analisa a obra de arte que nos é entregue por consignação ou por pessoas que simplesmente desejam estabelecer o valor de mercado de uma peça que herdaram... ou descobriram no sótão.

Teresa folheou o seu bloco e anotou rapidamente a data, a hora e a situação, com particular ênfase no nome, aspeto físico e função de quem a rodeava. O seu pesadelo recorrente, o seu medo mais presente, era vir a deixar de ser capaz de reconhecer pessoas que conhecia. Reparou em Marini a tentar ver o que ela fazia, pelo que virou a página e rabiscou algo obsceno dedicado a ele. Ele corou imenso e recuou.

Teresa observou rapidamente o espaço. Parecia tudo obsessivamente ordenado. Tal como contara, não havia restos mumificados a sair de algum interstício da parede, nem um esconderijo por baixo do chão.

— Vamos precisar do microscópio para encontrar o corpo? — sussurrou-lhe ao ouvido Marini, de novo a fazer de sua sombra.

Teresa afastou-o com uma palmada e lançou um olhar inquisitório a Gardini.

— Deem-nos um minuto, por favor — disse o procurador-geral-adjunto à equipa forense.

A atividade no interior da divisão acalmou quando todos, à exceção dos quatro, saíram. Teresa pôde, então, ver um círculo de luz que antes não estava visível.

Gardini fez sinal a Teresa para que se aproximasse e ela avançou uns passos. Ficou espantada com algo na expressão no procurador-geral-adjunto, uma espécie de trepidação misturada com expectativa — esta era no mínimo desconcertante, tendo em conta as circunstâncias. Ela seguiu o seu olhar.

Havia uma mesa com uma ilustração sem moldura lá pousada, estendida sobre uma superfície de vidro e mantida esticada por pesos de metal em cada ponta. Era o retrato de uma mulher. Aparentava ter uns 40 centímetros de altura e talvez um pouco menos de largura. O papel era grosso, com um aspeto quase áspero.

Teresa aproximou-se e, quando se debruçou para o examinar, percebeu que era incapaz de desviar o olhar. Manteve-se assim, imóvel e de olhos arregalados, maravilhada.

A verdadeira arte não necessita de explicação, pensou para si própria, recordando as palavras de um antigo professor do secundário. E à sua frente estava a prova disso mesmo. Pôs os óculos de ver ao perto, presos a uma pequena corrente suspensa sobre o peito, e observou com mais atenção.

O retrato parecia brotar do papel. Havia nele uma plenitude, uma tridimensionalidade espantosa. Representava o rosto de uma jovem, um rosto com uma beleza tão singular que a apanhou desprevenida. Tinha os olhos fechados, com as longas pestanas a roçar as maçãs do rosto; os lábios, apenas levemente apartados. Tinha algo de exótico,

mas que Teresa teria dificuldade em descrever. A parte do rosto visível, lembrando uma fase da Lua, estava emoldurada pelo cabelo escuro, tombado sobre o peito e que ia desvanecendo à medida que o papel chegava ao fim.

Era uma beleza magnética, sublime.

Teresa desviou finalmente o olhar do rosto, em busca de outros pormenores.

No canto inferior direito da folha, encontrava-se sarrabiscada uma data com uma caligrafia tremida: 20 de abril de 1945. Mas não havia assinatura.

Mais de 70 anos se interpunham entre aquele dia e o momento presente, quando os olhos de Teresa se deleitavam com o resultado. Quase um século — embora o tempo não fosse uma medida que se aplicasse de alguma forma àquela imagem. Na verdade, parecia ter transcendido o tempo, eliminando-o por completo.

Junto ao ombro dela, Marini mal respirava. Também ele fora apanhado pelo feitiço que a pintura lançara sobre todos.

— Quem é? — ouviu-o perguntar.

Ela própria estivera prestes a fazer a mesma pergunta. Marini nitidamente partilhava da sensação que já se alojara no peito de Teresa: a de estar perante uma criatura viva.

— É a *Ninfa Adormecida* — respondeu o negociante, observando a pintura. — Acreditava-se que estava perdida, mas apareceu num sótão no meio de papelada antiga. Pelo menos, é o que nos conta o sobrinho do pintor. Trouxe-a para a galeria para ser autenticada, dado que não está assinada. Mas, naturalmente, é uma pura formalidade; não restam dúvidas de que o artista é o seu tio-avô Alessio Andrian.

Teresa nunca ouvira falar de tal nome. Não percebia por que razão Gardini pretendia a ajuda dela na investigação preliminar. Aliás, o que era suposto investigar?

— Poderá ser uma falsificação? — perguntou-lhe.

Gardini deixou escapar um sorriso. Teresa percebeu que não denotava diversão, mas tensão, que ele libertou com uma contração dos músculos faciais.

— Temo que seja bem mais complicado do que isso, inspetora-chefe. A análise ao desenho proporcionou resultados inesperados

e de certa forma... perturbadores. O Sr. Gortan será capaz de explicar melhor do que eu.

Teresa endireitou-se. O suporte interior do seu corpo rangeu com o esforço.

— Perturbadores? — repetiu ela.

— O perito avaliador estava a analisar o papel e a cor de modo a datar o trabalho — começou por explicar o negociante — e a determinar se a data assinalada na pintura está conforme os parâmetros do período em que se crê que tenha sido criada. A pintura foi executada com carvão e hematite. O tom vermelho provém da hematite, uma substância ferrosa que gera esta coloração sedutora.

— Sim, eu sei.

— Até há umas décadas, os pintores utilizavam hematite pura no seu trabalho, mas hoje em dia é misturada com ceras naturais ou sintéticas. Testando a presença dessas ceras, é possível determinar se uma obra em particular é recente ou antiga. O problema é que o nosso especialista descobriu outra coisa. Não conseguiu identificar do que se tratava, pelo que enviou algumas amostras para um laboratório para fazerem mais testes.

— E o que é que descobriram?

Foi Gardini quem respondeu, com o olhar fixo no dela — a lâmpada de halogénio a projetar sombras profundas e dramáticas no rosto macilento dele.

— Encontraram sangue, inspetora-chefe.

Teresa levou uns momentos a compreender onde ele queria chegar. Sempre o vira como um homem prático e sensível, mas pareceu-lhe que ele se entusiasmara um pouco. Ela cruzou o olhar com Marini; parecia tão espantado quanto ela.

Teresa incidiu o olhar de novo no procurador-geral-adjunto. Tentou pensar numa combinação tática de palavras para o que pretendia dizer, mas acabou por lhe sair o mais direto, como era típico dela.

— Procurador Gardini — começou ela —, há um milhar de maneiras de o sangue ter chegado a este desenho. Talvez o artista se tenha cortado. Talvez alguém tenha sangrado do nariz. Por norma, a explicação mais simples é também a mais próxima da verdade. — Gardini permaneceu em silêncio, mas o modo como olhou para ela

foi uma espécie de resposta. Teresa retirou os óculos. — Suspeita que alguém foi assassinado de modo a ser feita esta pintura? — perguntou-lhe, incapaz de disfarçar a incredulidade na voz.

Gardini permaneceu impassível.

— Não é uma suspeita. Tenho a certeza.

Teresa voltou a olhar para o retrato, para o rosto pálido apanhado numa exalação aparentemente interminável. Um último suspiro: talvez o sono da ninfa fosse o descanso eterno da morte.

— Porquê?

Gardini inclinou-se de lado sobre a mesa e cruzou os braços sobre o peito.

— Não falamos apenas de uns «poucos» pingos de sangue — explicou-lhe.

Teresa sentiu um torpor a espalhar-se pelo rosto, como lhe acontecia sempre que estava prestes a ouvir uma má notícia.

— Quanto? — perguntou ela.

Ele pegou numa pasta de arquivo pousada na mesa e entregou-lha, dando-lhe um minuto para a folhear.

— A *Ninfa Adormecida* é feita de sangue, inspetora-chefe. Os testes revelaram vestígios de tecido cardíaco humano no papel.

Teresa, por fim, compreendeu, mas foi Gardini quem deu voz ao que lhe ia no pensamento.

— Alessio Andrian pintou-o mergulhando os dedos no coração de alguém.

Tecido cardíaco. Tecido cardíaco humano. Mãos a entrar na caixa torácica e dedos a mergulhar no coração. A cena que se formava na mente de Teresa era uma representação de loucura.

— Sr. Gortan — disse ela, voltando-se para o negociante de arte. — Tem uma certeza razoável de que o autor do quadro é Alessio Andrian?

— Eu próprio fiz mais testes para verificar os achados e posso confirmar, sem qualquer sombra de dúvida, que é autêntico.

— E como chegou a tal conclusão?

Os lábios de Gortan abriram-se numa espécie de sorriso reservado aos inexperientes numa arte tão nobre que a ignorância das suas regras era inadmissível, sendo tolerada unicamente por educação.

Aquele homem, percebeu Teresa, considerava-se nada menos do que o sumo sacerdote de um culto de elite, e comportava-se como tal. Equivocara-se ao encará-lo como um simples comerciante.

— O que me leva a ter tanta certeza quanto à atribuição da autoria da obra? — retorquiu Gortan. — Todos os detalhes. A escolha do papel, a cor, a letra da data, mas principalmente a qualidade do traço: a pressão, os ângulos — explicou, gesticulando graciosamente com as mãos e espalhando lufadas de perfume delicado. — É a qualidade geral da composição, aquilo a que chamaria de «a mão do artista». Este quadro é a *Ninfa Adormecida* de Alessio Andrian.

Era certo que não tinha dúvidas. O seu rosto enrubescera de genuíno entusiasmo.

— Tenho de admitir que não conheço o pintor, e até hoje nunca ouvi falar da *Ninfa Adormecida* — reconheceu Teresa.

O rosto barbeado do mercador de arte estremeceu com a subtil passagem de um esgar tão fugaz que Teresa se questionou se o teria imaginado.

— Isso não me surpreende — disse Gortan. — O Andrian não é um pintor para as massas, mas para um pequeno e, perdoe-me por dizê-lo, bastante restrito círculo de *connoisseurs*. Mas todos os que tiveram o raro privilégio de ver a sua obra repararam na sua essência artística notável.

Teresa estava intrigada. Quem era exatamente aquele homem? Quem era Alessio Andrian?

— Como assim, «raro privilégio»? — questionou ela.

Notou-se agora um brilho no olhar de Gortan, algo sedutor nos seus modos — os modos de um homem que sabe que detém a custódia de uma história notável.

— Alessio Andrian deixou de pintar em 1945, inspetora-chefe. Tinha apenas 23 anos. As suas obras estão numeradas de 1 a 10 — explicou. — Crê-se que o retrato da *Ninfa Adormecida* seja o seu último, o número 11.

Teresa reparou que se referiu à mulher na pintura como se ela realmente tivesse existido.

— Usou uma modelo? — perguntou ela.

Gortan abanou a cabeça.

— Ninguém sabe.

— Talvez tenha deixado de pintar por causa do que aconteceu quando o terminou — sugeriu Gardini.

— Suponho que vão descobrir isso por nós, certo? — replicou o mercador.

Teresa abriu o seu bloco.

— Quanto vale? — quis ela saber.

— Antes de ter sido detetado o sangue, teria dito entre 300 e 350 mil euros. Mas agora... quem sabe? Quiçá até o dobro.

— Está a querer dizer que este tipo de detalhe mórbido pode causar um crescimento potencial no valor de um quadro? — inquiriu Marini.

Gortan brindou-o com um olhar de desdém, o que irritou Teresa.

— Não, inspetor. O que estou a querer dizer é que o valor de um quadro, e na verdade de qualquer obra de arte, está inextricavelmente ligado à sua história, ao elemento humano que o acompanha. A história de Alessio Andrian é inegavelmente única, e esta última peça do puzzle serve apenas para acrescentar fascínio.

Teresa parou de escrever.

— Que história? — questionou ela.

— O sobrinho do Andrian está presentemente no estrangeiro numa viagem de negócios, mas regressa esta noite — interrompeu Gardini. — Vamos encontrar-nos com ele amanhã para uma entrevista informal. Não há ninguém mais indicado do que ele para nos contar a história.

— Tendo em conta as circunstâncias, preferia conhecê-lo já — insistiu Teresa.

— O Andrian foi um *partigiano*, um combatente pela liberdade durante a guerra — intercedeu Gortan. — Pintou os seus quadros enquanto permanecia escondido nas montanhas, entre ataques alemães. Quando a guerra terminou, os seus camaradas não conseguiram encontrá-lo. Pensaram que estaria morto.

— Mas...? — incentivou Teresa.

— Mas acabou por aparecer na Jugoslávia. Uma família de Bovec enviou uma mensagem aos italianos do outro lado da fronteira a anunciar que tinham descoberto outro italiano nos bosques por trás

da casa deles. O homem encontrava-se num tal estado que, de início, as milícias de Tito acharam que estava morto. Era o Andrian. Tinham decorrido duas semanas desde o seu desaparecimento. Nunca se soube o que ele fez durante esse período.

— Não lhe perguntaram?

— O Andrian nunca recuperou a ponto de contar a história.

— Então, morreu?

— Não, mas enlouqueceu. E nunca mais voltou a pintar. Nunca mais voltou a falar. Nunca. — Gortan calou-se.

— Levou o seu segredo para o túmulo — refletiu Marini.

— Não é bem assim — disse o procurador, olhando para Teresa. — O Andrian ainda está vivo, mas encontra-se num estado vegetativo já lá vão quase 70 anos. — Fez uma breve pausa, como que a dar-lhes tempo para se prepararem para o que aí vinha. — Não está doente, nunca esteve. Mas optou por não caminhar. Optou por não falar. Ao longo de 70 anos. O que quer que lhe tenha acontecido depois de ter pintado a *Ninfa Adormecida*, ele escolheu viver... uma morte viva. É um cadáver que respira.

3

A criança escondeu-se no bosque, com o peito a subir e a descer a cada respiração. De onde se encontrava, ainda conseguia ver para lá do limite da floresta, até ao prado ponteados por margaridas e dentes-de-leão. De vez em quando as suas cores eram veladas por uma sombra rápida, mas as nuvens espumosas eram sempre rápidas a dispersar.

Virou as costas à luz e aventurou-se mais na floresta perfumada. A gritaria foi ficando mais distante.

A floresta acolheu-o em silêncio, um emudecimento que abrandou os seus passos. Era como caminhar numa igreja: a mesma escuridão gelada, as abóbadas altas, o odor pungente às resinas a escorrer das cascas das árvores, a fazer lembrar as velas votivas.

Ele tremeu, a t-shirt sob a sua camisola ensopara-se de suor. Encontrou uma reentrância entre raízes e ramos, um esconderijo onde poderia abrigar-se, e rastejou para o seu interior. Assentou o queixo sobre os joelhos e preparou-se para uma longa espera.

Ouvia-os a chamarem pelo seu nome. O seu instinto incitou-o a responder ao chamamento e a pôr um fim à partida cruel que lhes estava a pregar, mas algo o manteve firmemente escondido no seu antro: um furioso tipo de amor.

Os gritos dos pais ecoaram, cada um a soar a um verso de uma canção terrível; entre eles havia momentos em que a voz da *estranha* se sobrepunha às restantes. Ouvia com mais atenção sempre que isso acontecia e tentava interpretar o tom: ouviria ele a indiferença que ela recentemente lhe reservara, ou o súbito desaparecimento dele despertara de novo o seu afeto?

A estranha: a sua irmã. Quando ela começara a mudar, a crescer, algo entre eles quebrara e agora ela era o alvo da sua mágoa. Queria que sentisse medo de o perder. Queria que o amasse de novo, como costumava fazer.

Portanto, decidiu desaparecer.

Recuou ainda mais fundo no seu esconderijo. Arrancou um feto e começou a puxar compulsivamente as folhas. Quando fungou, percebeu que estivera a chorar outra vez.

Um rumorejar entre as folhagens sobre a sua cabeça assustou-o. Limpou os olhos. Algo se movia ali em cima, nas profundezas da abóbada esmeralda da floresta, remexendo e depois voltando a aquietar.

Soltou um gemido ao recordar o que dissera à irmã nessa mesma manhã.

Não é verdade que as víboras tenham os seus bebés nos ramos mais altos das árvores, disse a si mesmo. É uma mentira que inventaste para a assustar.

Permaneceu completamente imóvel.

Mas estaria ele assim tão certo disso? *As víboras têm os seus bebés em ramos de árvores para os poderem largar no mundo sem serem mordidas.*

Sentiu algo a deslizar na sua gola e levantou-se de um pulo com um grito, despindo a camisola e desatando a correr.

Agora, queria regressar a casa, regressar à segurança. Já não queria saber do seu orgulho ferido, dos seus afetos traídos. Queria os beijos da mãe e o riso do pai. Até a estranha já não lhe parecia tão hostil, tão desagradável.

Porém, os rebentos e as silvas estavam sempre a apanhá-lo e, por muito que se debatesse, não conseguia atravessá-los. Agarraram-lhe os braços e enroscaram-se nas suas pernas. A floresta queria aprisioná-lo no fôlego húmido da sua escuridão. Sentia esse bafo agora sobre ele.

Os seus olhos procuraram a luz do prado, mas via apenas escuridão. As árvores pareciam mais retorcidas e imponentes; a vegetação rasteira, mais entrelaçada.

Sabia que estava perdido. O frio envolveu-o. Percebeu que agora tinha apenas uma t-shirt a cobrir-lhe o corpo. Os braços estavam

repletos de arranhões, e tinha cortes na pele devido aos picos. Também o rosto lhe ardia, como acontecia ao fim de um dia sob o sol estival.

— Mamã — chamou, o mais suavemente que pôde, para não despertar a criatura viva à sua volta.

A floresta reagiu com um suave esgaravatar no qual até então não reparara.

Movia-se a toda a sua volta. Ele não conseguia vê-la. Mas sentia-a.

A floresta respirava, pulsando como um coração negro único e poderoso, uma batida subterrânea ressonante, à qual o seu próprio coração respondia batendo cada vez mais depressa.

Cerrou os punhos e sentiu a dor a irromper como uma chama. Ergueu uma mão e viu um corte profundo na palma. Observou, pasmado, o seu sangue a gotejar sobre a terra negra.

Uma borboleta da mesma cor da erva-de-lobo que a sua mãe colhera nessa manhã empoleirou-se na sua ferida. Pousando na carne quente, bateu preguiçosamente as asas. Quando lhe tentou tocar, ela fugiu, mas manteve-se por perto, dançando no ar. O rapaz decidiu segui-la. Esperou que o conduzisse até à luz.

Ele chegou onde o arvoredo começava a ser menos denso, onde o sol se infiltrava pela vegetação rasteira em feixes de luz ofuscantes, e recordou-se das ilustrações de um livro de contos de fadas que costumava ler: Hansel e Gretel, e a bruxa que queria comê-los.

A borboleta decidiu pousar em lascas de madeira que a passagem do tempo arrancara às árvores. O rapaz ajoelhou-se e esticou um dedo para lhe tocar, mas de repente recuou. Não eram lascas de madeira. Eram ossos. Ossos a sair do solo. Metade de uma mão de esqueleto a brotar da terra, entre musgo e flores silvestres.

O rapaz gritou e desatou a correr, incapaz de se libertar da imagem da borboleta agitada presa na teia do que em tempos haviam sido dedos humanos.

Estava certo de que ficaria refém da floresta para sempre, enredado na sua teia malévola tal como a borboleta, quando ouviu uma voz a chamar por ele. Olhou para cima. Havia uma encosta ao longe onde a luz brilhava um pouco mais e lá ele viu a emergir aos poucos a silhueta de um vulto familiar.

Respondeu com um grito desesperado. A sua irmã correu até ele, com o cabelo desgrenhado, as calças de ganga sujas de lama até aos joelhos. Ela estivera a chorar. Deixou-se cair no chão diante dele e abraçou-o com mais força do que alguma vez fizera nos últimos tempos, como fazia antes de se afastarem. O rapaz desatou a soluçar. Abriu a boca como se pretendesse libertar-se do horror que sentia, mas não saiu qualquer som. Voltou-se para olhar para trás, mas agora toda a floresta parecia igual, como se se tivesse enroscado em si mesma.

Nunca mais conseguiria encontrar de novo a mão fantasma. Contraí os lábios; ninguém acreditaria nele. Deixou que pegassem nele e o levassem na direção da luz.

Chorou uma derradeira lágrima, pela borboleta.

Se soubesse que estava a ser observado, teria chorado por si mesmo, pela morte silenciosa à qual escapara por pouco.

Pois *Tikô Wariö* não sente piedade, nem sequer pelos indefesos. Tem de manter a guarda.

4

Massimo decidiu que não iria diretamente para casa. Primeiro, queria dar um passeio a pé, deixar-se entorpecer, por uma vez que fosse, pela vitalidade da cidade. As ruas estavam iluminadas, as conversas que brotavam dos bares aliciavam-no a entrar para um copo de algo animador. As arcadas em redor da Piazza delle Erbe encontravam-se repletas do tipo de gente a que o próprio Massimo tão recentemente pertencera. Homens na casa dos 30; viu-os na galhofa, a namoriscar, segurando numa mão um copo meio vazio e na outra um cigarro — ou a mão de uma mulher. O mundo deles estava a anos-luz do seu.

Andou às voltas sem rumo, olhando para as montras reluzentes sem ver verdadeiramente o que exibiam. Procurou o seu próprio reflexo; reparou que mudara, mas não gostava do resultado. Não era ele mesmo: ia a caminhar, quando teria gostado de correr; ia calado, quando gostaria de ter gritado; estava ali, mas ao mesmo tempo encontrava-se bem longe. Continuava a fugir, todavia acabava sempre no ponto de partida.

És um covarde, pensou, apesar de já se ter perdoado há muito por essa falha em particular. Era certo que teria outras bem piores com que se preocupar.

Retirou o telemóvel do bolso e voltou a ligá-lo, sentindo um aperto no estômago enquanto aguardava pelas notificações que surgiram em rápida sucessão no ecrã.

Ela voltara a ligar-lhe. Elena nunca lhe enviava mensagens; não lhe chegava manifestar o seu desprezo através de umas poucas linhas de texto num ecrã. Preferia despejar as suas palavras verbalmente até

lhe explodirem nos ouvidos. Queria que o som da sua voz lhe atingisse incessantemente o coração.

Sentiu-se tentado, por breves momentos, a deixar-se ficar entre a multidão e fingir felicidade, mas acabou por optar por virar para o silêncio de umas ruas laterais mais sossegadas. Dobrou uma esquina e quase chocou com um casal que se beijava sob um candeeiro. A mulher riu-se enquanto o homem a puxava mais para si.

Massimo sentiu uma ponta de amargura e desviou o olhar. Costumava ser assim com Elena, numa época que já sentia dificuldade em recordar — embora estivesse ciente de que fora apenas há um ano, e não uma década.

Eles eram assim, incapazes de se largarem.

E, depois, deixou-a sem sequer dar uma explicação, porque isso teria implicado ter de se justificar, quando desejava apenas o silêncio. Ela dissera-lhe que o amava e ele deixara-a. Até há umas semanas, nunca mais a vira, nem falara com ela: umas poucas horas em que voltou a fazer amor com ela, para depois partir.

Deu por si parado à porta do seu prédio sem saber muito bem como lá fora parar. Ignorou o elevador e avançou para as escadas. Nem sequer tinha um caso para trabalhar que o ajudasse a não pensar nela; não conseguiu evitar sentir que seria talvez demasiado otimista achar que o mistério da *Ninfa Adormecida* poderia ser resolvido 70 anos depois de ter ocorrido.

Subiu até ao patamar do seu apartamento, mas deteve-se no último degrau.

Havia uma mulher à espera dele, sentada numa mala, de olhos fechados e com as costas apoiadas na parede. Parecia exausta, embora aparentasse ser capaz de dar luta. Estava mais magra do que ele recordava, embora tivessem decorrido apenas umas semanas desde a última vez que a vira, um curto período de tempo que ainda assim parecia tê-la consumido, a ponto de o simples ato de respirar quase a despedaçar aos poucos.

Não tinha nada que ver com a passagem do tempo.

— Elena...?

A voz dele saiu abafada, pouco mais que um tartamudear, mas ela abriu de pronto os olhos, rápido como uma armadilha. Fitaram-se

um ao outro sem proferirem uma palavra, os corpos tensos e tomados pelo embaraço. Elena ergueu-se com um suspiro que poderia ter vários significados: cansaço, irritação, alívio. Arrependimento.

Massimo engoliu penosamente em seco. Não havia palavras que pudessem salvá-lo.

— Não sei o que dizer — murmurou ele. — Eu...

Elena avançou para ele. Massimo achou que ia esbofeteá-lo, mas ela simplesmente afundou a cabeça na curva do pescoço dele. Foi como aplicar um choque elétrico aos sentidos, com uma vaga de alívio a percorrer-lhe a pele.

Massimo abriu a boca, mas ela tapou-a com os seus dedos frios e trementes.

— Também não sei como te contar, por isso vou limitar-me a dizê-lo — sussurrou. — Estou grávida.

UM RETRATO PINTADO A SANGUE.

UM VALE ENVOLTO NUM SEGREDO ANCESTRAL.

Após décadas desaparecido, o retrato de uma mulher de extrema beleza, pintado no final da Segunda Guerra Mundial, é encontrado num vale no norte da Itália. Ao autenticarem a obra, os especialistas descobrem que foi pintada a sangue e que há nela vestígios de tecido cardíaco, sugerindo que o artista a terá executado mergulhando os dedos no coração de alguém.

A experiente inspetora Teresa Battaglia é chamada a investigar o caso e, juntamente com a sua equipa, consegue reunir provas que a conduzem até ao vale de Résia, uma das regiões mais isoladas da Itália, protegida há séculos do mundo exterior.

Quando a investigação se começa a aproximar da verdade, um coração humano é pendurado à entrada do vale: um aviso para que não se cruze o seu limiar. Teresa é então obrigada a enfrentar alguém capaz de matar para proteger um segredo sagrado, ao mesmo tempo que se debate para esconder o seu próprio segredo: a rápida progressão da doença que lhe afeta inexoravelmente a memória.

«É raro uma personagem estreante na ficção policial, como a inspetora Teresa Battaglia, ter um impacto tão emocionante.»

THE TIMES

Leia também:



TOPSELLER

os livros em primeiro lugar

20|20 editora

ISBN 978-989-564-772-9



Policial